

A vez da maioria

A Assembléia Nacional Constituinte entra hoje em sua fase decisiva. As vésperas de completar um ano de sua instalação, começam, enfim, as votações de plenário, que irão definir o texto final da futura Constituição.

É possível que o documento a ser produzido fique bem aquém de uma Constituição ideal. É certo que ficará, já que não foi possível evitar o excessivo detalhamento, com a inclusão de temas pertinentes à legislação ordinária. Mesmo assim, convém não esquecer que a Nação correu o risco de ser brindada com algo bem mais assustador: o anteprojeto aprovado pela Comissão de Sistematização.

Tratava-se de documento de inspiração xenofoba, estatizante e retrógrada, produzido por um reduzido colegiado, que estava longe de exprimir o perfil da maioria dos constituintes.

Eis que, a tempo ainda de evitar o pior, a maioria despertou, reagiu e se aglutinou no Centrão — instância suprapartidária, de inspiração liberal e que exprime a maciça maioria do plenário da Assembléia e, por extensão, da sociedade brasileira.

Apesar disso, não faltaram críticas e agressões ao Centrão. O grupo foi apresentado como sectário e golpista, quando, na verdade, dá-se justamente o contrário. Como classificar de sectário um bloco parlamentar formado a partir de adesões de representantes de diversos partidos? E como chamar de golpista uma entidade que é simplesmente a expressão da maioria? E, mais que isso, maioria absoluta.

Por trás das agressões ao Centrão, desnecessário dizer, estão as esquerdas — estas, sim, minoritárias e sectárias —, historicamente eficazes na ação iconoclasta.

E apenas. Como não têm voto, buscam inibir a ação da maioria, ameaçando queimar perante a opinião pública os que não votam por sua cartilha.

É certo, porém, que a classe política brasileira amadureceu o suficiente para escapar dessa armadilha. E conta hoje com uma opinião pública atenta, informada e devidamente vacinada contra a ação dos demagogos.

Os mesmos que, a pretexto de servir ao trabalhador, iam provocando o maior surto de desemprego de que se tem notícia, com a aprovação, na Comissão de Sistematização, da chamada "estabilidade plena no emprego" (algo que só pode ser mencionado entre aspas). Ou ainda, sob inspiração de uma vesga xenofobia, iam remetendo o Brasil de volta a teses absolutamente superadas dos anos 50, como a nacionalização e estatização da distribuição dos derivados de petróleo.

Após tantos equívocos, que resultaram num absurdo desperdício de tempo, a Constituinte merece, enfim, um voto de confiança. Conseguiu livrar-se de perigosa armadilha da minoria atuante, restabelecendo a verdade da maioria.

As atenções de toda a sociedade brasileira e da opinião pública internacional voltam-se hoje para o plenário da Assembléia. Governo, empresários, trabalhadores, credores — todos, enfim, anseiam pelo retorno à normalidade. Espera-se que a minoria reconheça e cumpra dignamente o seu papel. E não busque o recurso à pressão física das galerias e dos grupos radicais organizados, que querem implantar à força a democracia do grito.

Esse filme todo mundo já viu. E não gostou.